

TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS E IDENTIDADE

KILOMBALL TERRITORIES AND IDENTITY

TERRITORIOS E IDENTIDAD DEL KILOMBOL

Elane Bastos de Souza

Doutoranda em Geografia- UFBA-elanebastosdesouza@gmail.com

Resumo

Este trabalho tem como objetivo realizar uma breve reflexão acerca dos conceitos de identidade e território considerados essenciais para compreender a categoria quilombo e o processo de construção da identidade quilombola. Nesse sentido realizou-se uma revisão bibliográfica à luz da compreensão de alguns autores tais como Hall (2006), Nascimento (1980), Haesbaert (2004), dentre outros. No Brasil, milhares de comunidades tradicionais quilombolas vem ao longo dos séculos reivindicando frente ao Estado o direito à propriedade efetiva das terras onde historicamente viveram e construíram seus laços familiares e ancestrais. Desta forma, entender a identidade quilombola nos dias atuais constitui num esforço que nos conduz à compreensão das especificidades históricas, espaciais e culturais, dentre outros, questões que, concretamente, se apresentam nos modos de vida, nos enfrentamentos, nas interações e na luta cotidiana desses grupos.

Palavras-chave: Território, identidade, quilombos, identidade quilombola

Abstract

This work aims to make a brief reflection about the concepts of identity and territory considered essential to understand the quilombo category and the process of construction of quilombola identity. In this sense, a bibliographic review was carried out in the light of the understanding of some authors such as Hall (2006), Nascimento (1980), Haesbaert (2004), among others. In Brazil, thousands of traditional quilombola communities have, over the centuries, demanded from the State the right to effective ownership of the lands where they historically lived and built their family and ancestral ties. Thus, understanding the quilombola identity today constitutes an effort that leads us to understand the historical, spatial and cultural specificities, among others, issues that, concretely, arise in the ways of life, in the confrontations, in the interactions and in the daily struggle of these groups.

Keyword: Territory, identity, quilombos, quilombola identity.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo hacer una breve reflexión sobre los conceptos de identidad y territorio considerados fundamentales para comprender la categoría quilombola y el proceso de construcción de la identidad quilombola. En este sentido, se realizó una revisión bibliográfica a la luz del entendimiento de algunos autores como Hall (2006), Nascimento (1980), Haesbaert (2004), entre otros. En Brasil, miles de comunidades tradicionales quilombolas han exigido, a lo largo de los siglos, al Estado el derecho a la propiedad efectiva de las tierras donde históricamente vivieron y construyeron sus lazos familiares y ancestrales. Así, comprender la identidad quilombola hoy constituye un esfuerzo que nos lleva a comprender las especificidades históricas, espaciales y culturales, entre otras cuestiones que, concretamente, surgen en los modos de vida, en los enfrentamientos, en las interacciones y en la lucha diaria de estos grupos.

Palabra clave: Territorio, identidad, quilombos, identidad quilombola.

Introdução

A experiência quilombola, vivenciada em alguns lugares do mundo, sobretudo no continente africano e na América, possui especificidades que variaram de acordo com as

experiências locais. No Brasil, o processo de formação das Comunidades Negras Rurais remonta ao período da escravidão e a sua permanência nos dias atuais resulta da resistência aos seus desdobramentos sobre a população de origem africana. Desta forma, a existência dos chamados quilombos contemporâneos traduz a luta coletiva desses povos contra a opressão secular vivenciada pelos povos africanos na diáspora.

A Geografia como ciência que tem como preocupação fundamental analisar a sociedade nos seus mais diversos aspectos tomando como ponto de partida o espaço geográfico, encontra na questão agrária um caminho possível, para pensar a organização espacial e estruturação dos territórios na área rural, num sentido mais amplo, através de uma diversidade de estudos e abordagens tais como: movimentos sociais no campo, acampamentos, assentamentos, organização da produção agrícola, formas de acesso à terra, dentre outros. Nesse contexto, se inserem os estudos das comunidades tradicionais particularmente as comunidades negras rurais e quilombolas.

As comunidades quilombola, se inserem no contexto das comunidades tradicionais brasileiras e envolve múltiplos enfoques a partir de diversas áreas de conhecimento tais como a sociologia, história, direito, antropologia e geografia. Esta última encontra nos estudos agrários um caminho possível, para analisar tal tema. Os estudos versam sob alguns focos de interesse desta ciência, tais como o processo de espacialização e/ou territorialização, a relação na/com/pela terra, conflitos, modo de vida comunal, a utilização dos recursos naturais, as relações com o poder público, os processos de expropriação, entre outros.

Nesse contexto, alguns estudiosos da Geografia se debruçaram sobre “pensar cientificamente os quilombos” tais como Rafael Sanzio dos Anjos (2005) que realiza uma reflexão sobre as bases conceituais dos quilombos utilizando uma análise cartográfica para o que denomina “ cartografia dos quilombos”. Um outro estudo de grande relevância é o de Andreilino Campos (2005) que propõe uma reflexão na perspectiva do quilombo urbano, no esforço de conceituá-lo a partir da relação do quilombo com a favela e a produção dos espaços criminalizados.

Assim, o objetivo do presente trabalho é analisar a identidade e o território como conceitos fundamentais para a reflexão sobre a categoria quilombo e a construção da identidade quilombola. As análises foram feitas através de uma revisão bibliográfica à luz das contribuições de alguns autores, tais como: Hall (2006) e Munanga (2012) para pensar a questão da identidade; a discussão sobre quilombos dialogou com Nascimento (1980), Garcia

(2009) e Nascimento (S.A.) e Raffestin (1993), Haesbaert (2004) e Silveira (2018) para analisar o conceito de território. As abordagens dos referidos autores contribuíram significativamente para a análise e compreensão destes conceitos de grande relevância para o estudo dos quilombos no Brasil.

2. Identidade e Quilombos: Breve Discussão

O processo de construção da identidade de um determinado grupo se desenvolve a partir da compreensão acerca das características, semelhanças e diferenças que definem estes sujeitos e suas relações consigo mesmos e com o mundo. No entanto, essas identidades podem sofrer mudanças ao longo do tempo à medida que diversos grupos estabelecem relações no tempo e no espaço. Assim, a identidade

É definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes, em diferentes momentos, identidades não são unificadas ao redor de um “Eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão continuamente deslocadas. (HALL e SILVA, 2006, p. 12)

Nesse sentido, as identidades não são fixas sendo o sujeito construído e estruturado através de múltiplas identidades que se transformam, identificando diferentes concepções de sujeitos ao longo do tempo: “O sujeito do Iluminismo; o sujeito sociológico e o sujeito pós moderno” (HALL e SILVA, 2006, p.10). Assim, as identidades são construídas a partir de alguns padrões de sujeitos onde o sujeito do Iluminismo é considerado mais “centrado e unificado”, o sujeito sociológico, constituído e formado a partir da sua relação com a coletividade e o sujeito pós-moderno, sob a perspectiva do autor, se constitui não tendo uma identidade “fixa, essencial ou permanente” (HALL, 2006).

Sob uma outra perspectiva, a identidade é analisada considerando os sujeitos coletivos. Desta forma, “a identidade apresenta-se como um elemento político e organizativo, podendo ser estrategicamente negada ou afirmada de acordo com a conjuntura social e política, na qual está inserida num dado momento histórico” (Barth, 2000). Nessa compreensão, a identidade apresenta-se a partir de uma necessidade de afirmação ou negação de um determinado grupo em relação ao mundo externo, ou a experiência de conflito. Situações diversas podem levar um coletivo a reivindicar suas identidades tais como indígenas e quilombolas reivindicam frente ao Estado Brasileiro o direito à propriedade coletiva dos seus territórios, à prática das atividades produtivas ancestrais, à exclusão provocada por séculos de racismo, dentre outros.

Dialogando com o pensamento de Barth e refletindo acerca da construção identidade no Brasil, Kabengele Munanga ressalta que:

Além da identidade nacional brasileira, que reúne todas e todos, estamos atravessados/as por outras identidades [...] cuja expressão depende do contexto relacional. A identidade afro-brasileira, ou identidade negra passa, necessária e absolutamente, pela negritude enquanto categoria sócio-histórica, e não biológica, e pela situação social do negro num universo racista (MUNANGA, 2012, p. 06).

Assim, a compreensão da identidade se dá através do princípio da alteridade possibilitando a compreensão acerca das peculiaridades de um determinado grupo ou sujeito, e na mesma medida observando as múltiplas identidades construídas ao longo do tempo. Desta forma, refletir sobre o conceito de identidade envolve o pensar a perspectiva relacional, a construção das diferenças que envolvem os grupos, o processo de autoafirmação e o princípio da alteridade.

Estes elementos nos levam a pensar na construção da identidade quilombola no Brasil, que, de forma geral diz respeito à relação que estes grupos constroem com o território; relação direta com a ancestralidade, a cultura e as tradições; o uso comum da terra, tendo a unidade familiar como elemento essencial, como afirmação étnica e política (ALMEIDA, 2002). A construção da identidade quilombola se desenvolve essencialmente a partir da compreensão da categoria conceitual dos quilombos, sobretudo a formação histórica, seus processos de resistência e a sua manutenção atualmente.

Na compreensão de Nascimento, Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial (Nascimento, 1980, p. 263). Sob esse aspecto, o autor faz uma crítica à concepção que considerava os quilombos como espaços isolados, povoado por escravos fugidos. Essa concepção foi predominante no Brasil imperial onde a ideia de quilombo era associada ao isolamento e à fuga. À medida que os séculos foram passando, os estudos apontaram para uma conotação mais ampla acerca da categoria quilombo como sinônimo de encontro e convívio dos africanos na diáspora.

Dialogando com as ideias de Nascimento (1980), Garcia considera que:

O Quilombo emergia enquanto símbolo da luta dos negros por um espaço digno na nação, um espaço de liberdade, território de paz. Assim, as favelas, os —bailes blackl, as comunidades negras rurais emergiam como essa continuidade: de homens que procuravam construir territórios alternativos (GARCIA, 2009, p. 123).

Nessa concepção, o quilombo aparece associado à ideia de resistência do povo negro. Tanto na sua organização espacial, que se expressou historicamente nos espaços nos quais o

povo negro construiu suas raízes ancestrais, sejam elas no campo ou na cidade. Tanto na busca por dignidade no interior do território brasileiro.

Fazendo um resgate histórico da formação dos quilombos na África, especificamente em Angola, como experiência trazida para o Brasil no processo diaspórico, Beatriz Nascimento analisa as formas com as quais o quilombo se estruturou nos diversos momentos da história brasileira tornando-se símbolo de resistência cultural do povo negro nesse país. Desta forma, afirma que

O quilombo representa um instrumento vigoroso do processo de reconhecimento da identidade negra brasileira para uma maior autoafirmação étnica e nacional. O fato de ter existido como brecha no sistema em que os negros estavam moralmente submetidos projeta uma esperança de que instituições semelhantes possam atuar no presente ao lado de várias outras manifestações de reforço a identidade cultural. (NASCIMENTO, S/A, p.48)

Essa discussão permite compreender a importância do quilombo como território de resistência do povo negro que se constituiu em África e que se manteve durante o processo diaspórico na América e no Brasil, marcando essencialmente a história do povo negro nesse país. Assim, pensar os territórios negros no Brasil significa resgatar as experiências trazidas pelos povos africanos e vivenciadas para além da escravização, onde espaços de resistência negra se constituíam marcando a luta africana no Brasil.

3. Revisitando o Conceito de Território

No âmbito da ciência geográfica, o território constitui num conceito essencial integrando o seu arcabouço teórico conceitual que juntamente com as outras categorias fundamentam a análise do espaço geográfico. No entanto, os estudos relacionados ao território não constituem um terreno exclusivo da Geografia sendo abordado por outras áreas tais como a ciência política, a sociologia, o direito, a antropologia, dentre outras. Assim, diversas concepções teórico-metodológicas formularam o conceito de território percorrendo diferentes caminhos.

É importante ressaltar que “ O debate em torno do conceito na Geografia se inicia, segundo a historiografia europeia ocidental, com Ratzel no final do século XIX, e desde então passou por transformações decorrentes das mudanças epistemológicas na ciência geográfica ao longo da história” (NOGUEIRA, 2018, p. 208). Isso nos leva a entender que historicamente a compreensão acerca do conceito de território foi construída a partir desse

olhar dificultando uma análise mais ampla acerca do conceito de território, a partir da contribuição de outros povos tais como asiáticos e africanos.

Claude Raffestin, ao tratar da relação existente entre espaço e território alerta para o fato de que “espaço e território não são termos equivalentes”. Nesse sentido afirma que,

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação) o ator ‘territorializa’ o espaço. (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

O espaço precisa ser o ponto de partida e de chegada para toda e qualquer reflexão no âmbito da geografia e precede as análises a partir das outras categorias. Nessa perspectiva, o espaço é visto como anterior a toda e qualquer ação, sendo dessa forma preexistente ao território. Reafirmando sua posição, o autor atribui a seguinte conceituação ao território

[...] um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. (...) o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder [...] (RAFFESTIN, 1993, p.144).

Sob esta análise, o território pode ser compreendido como um conceito que se relaciona a ação coletiva onde as relações de poder são construídas e engendradas. Sob uma perspectiva foucaultiana, o autor atribui ao território uma conotação política tendo na discussão sobre poder um dos elementos básicos para a analisar o território conceitualmente. A discussão sobre poder também é feita por Marcelo Lopes de Souza, porém a partir de outras perspectivas teóricas e filosóficas onde ele, assim, conceitua: “o território é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir das relações de poder” (SOUZA, 2001, p.78). Segundo ele, a compreensão de poder pressupõe autonomia desprezando a ideia de dominação há muito associada a este conceito, indo além da compreensão de território baseada apenas na relação com o Estado, podendo ser compreendido nas mais diversas escalas temporais e espaciais. A partir dessa afirmação, Souza historiciza o surgimento do território como fator gerador da formação de uma identidade territorial, construída a partir do espaço concreto e de seus atributos, tanto naturais quanto os socialmente construídos, a partir de uma dimensão materializadora do espaço.

O conceito de território também pode ser compreendido a partir de uma análise multidimensional. A abordagem de Haesbaert (2004) considera que a compreensão do território envolve enfoques diferenciados no âmbito da ciência geográfica a partir de sua materialidade em três perspectivas:

- Jurídico-política, a mais difundida, onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado através do qual se exerce um determinado poder – mas não exclusivamente – relacionado ao poder político do Estado;
- Cultural ou Simbólico Cultural: prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido;
- Econômica: menos difundida, enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, o ‘território’ como fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho, como produto da divisão territorial do trabalho, por exemplo. (HAESBAERT, 2004, p.40).

Assim, o território é visto por uma diversidade de sentidos, que engloba as dimensões: econômicas, políticas, culturais. O autor elabora uma concepção de território sob uma perspectiva integradora, dialogando diretamente com a relação espaço-tempo e tomando como referência as concepções de Deleuze e Guatari direciona suas análises trilhando o caminho para a construção da multiterritorialidade. Portanto, compreender o conceito de território a partir dos elementos que fundamentam a sua estrutura teórica através dos diferentes olhares é uma tarefa necessária por parte dos pesquisadores que se propõe a construir objetos relacionados aos estudos territoriais.

Ao realizar uma reflexão relacionando o conceito de território ao de identidade, Silveira (2018) evidencia que:

O território mostra-se como um conceito que possibilita compreender as múltiplas relações que as diferentes sociedades engendram com o espaço, porque as diferentes formas de territorialização conferem múltiplas maneiras de viver as identidades, com as quais seja possível pensar o território para compreender as relações que essas identidades conformam com o espaço (SILVEIRA, 2018, p. 97).

Desta forma, torna-se evidente que o território constitui o *lócus* onde se expressa, vivencia e constrói as identidades a partir das relações sociais estabelecidas entre diferentes grupos ao longo do tempo. No caso das comunidades quilombolas, onde a construção da identidade se estabelece a partir das tradições, da ancestralidade, do uso coletivo das terras,

nas especificidades presentes nas formas de produzir, o território se estrutura historicamente a partir dos modos de vida e da relação que estes povos estabelecem com o espaço.

4. Considerações finais

Os conceitos de identidade e território são essenciais para compreender o processo de formação dos quilombos, considerando a sua construção no continente africano e as experiências quilombolas vivenciadas no Brasil. Aqui milhares de comunidades em diferentes situações jurídicas e fundiárias vem lutando e reivindicando o direito a estar e permanecer nos territórios onde historicamente viveram e construíram seus laços familiares e ancestrais.

O território se coloca como um conceito chave para a análise acerca dos quilombos e da identidade quilombola, pois é através do processo de ocupação, apropriação e das relações de poder que se desenvolvem cotidianamente nestes espaços e com estes sujeitos que as especificidades dos grupos são identificadas.

Analisar estes conceitos constitui numa tarefa de grande relevância à medida que permite a compreensão e reflexão possibilitando uma intervenção na realidade destas comunidades auxiliando no entendimento dos seus modos de vida, no respeito a autonomia destes povos e na formulação de políticas públicas que venham a fortalecer seus territórios.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Os quilombos e as novas etnias**. Quilombos: Identidade étnica e territorialidade, 2002.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. **Territórios das Comunidades Remanescentes de Antigos Quilombos no Brasil**: Brasília, primeira configuração espacial, edição do autor: 2005.

BARTH, Fredrik. **O Guru, o Iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Con-tra Capa, 2000.

CAMPOS, Andreilino. **Do Quilombo à Favela, a produção do “espaço criminalizado” do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

GARCIA, Allysson Fernandes. **Outras Histórias: Beatriz do Nascimento por Alex Ratts**. Padê: Estudos em Filosofia, Raça, Gên.e Dir. Hum., Brasília, v. 1, n. 1/2, p. 123-132, jan./dez. 2009.



HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização: Do “Fim dos Territórios” a Multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós Modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

MUNANGA, K. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

NASCIMENTO, Abdias do. **Quilombismo**, Petrópolis, Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de Quilombo e a resistência cultural negra. Afrodiápora, Ano 3, n 6 e 7, S/A.

NOGUEIRA, Azania Mahin Romão. **A construção conceitual e espacial dos territórios negros no Brasil**, Revista de Geografia, V. 35, N 01, Recife, 2018.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SILVEIRA, Bruno Xavier. Da Bonja pro Mundo: **O território vivido como potência identitária no ensino de Geografia. Dissertação de Mestrado,**

SOUZA Marcelo Lopes de. O Território: Sobre Espaço e Poder, Autonomia e Desenvolvimento *In* CASTRO, Iná Elias de, GOMES Paulo César da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato (orgs) **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 2001, p.77-116.

SOUZA, Elane Bastos de. **Terra, território, quilombo: à luz do povoado de Matinha dos Pretos (BA)**, Dissertação (Mestrado em Geografia), Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, 2010.